DISCURSO CATHOLICO SENTENCIOZO CONTRA A MURMURAÇAM

EXPOSTO

Em huma Carta que, em reſpoſta de outra, eſcreveo a hum ſeu amigo.

O GRANDE, E APOSTOLICO

P. ANTONIO VIEYRA

da Companhia de JESUS

Offerecido.

AO SENHOR

RODRIGO DE OLIVEYRA

BRAGA.

Familiar do Santo Officio.

✠

LISBOA:

Na Officina de ANTONIO DA SYLVA:

M. D. CC. XLVII.

Com todas as licenças neceſſarias.

John Carter Brown
Library
Brown University

DEDICATORIA

AO SENHOR RODRIGO DE OLIVEYRA BRAGA.

A bem eſcolhida eleyçaõ que em v. m. fiz de Mecenas para eſte grande, ainda que pequeno, Papel, me acompanhava ao meſmo tempo que o geſto de oferecer-lho

ferecer-lho pela razaõ do acerto, o receyo de executalo, pelo motivo da falta que em mim hà de communicaçaõ com a ſua Peſſoa; porèm para vencer-me neſta indeciſaõ, conciderey, que quando a fama dos Heroes he grande, perde com elles o tracto todo o preço, porque participada a urbanidade na independencia do conhecimento, ſempre ſaõ mais ſuperiores os indultos para os privilegios do brio: Eſte fundamento ponderado ſobrou para animarme a ſacrificar-lhe eſte tal Diſcurſo; pois ſe com os mais ſingulares predicados attendia em v. m. o melhor Mecenas, fora naõ ſó injuſtiça, mas ſacrilegio da razaõ conceder à falta de confiança o poder eſcurecer na ſua Peſſoa aquelles meſmos dotes com que ſe illuſtra, negando-lhe a minha indeterminaçaõ exercicios à ſua generoſidade.

He eſte Papel hum Diſcurſo Catholico ſentencioſo contra a murmuraçaõ, eſcripto por aquella Pena entre as mayores deſtinta, do noſſo Oraculo Portuguez, aſſombro do Univerſo, e gloria da Sagrada Companhia de JESUS, o Grande Apoſtolico Padre Antonio Vieyra; aquelle Varaõ de taõ agigantado eſpirito, que no exercicio de profundas Letras conſeguio unico, poder de hum ſó Corpo eſpalhalo, ſempre igual com a meſma valentia, por tantos Volumes, e Diſcurſos quantos inimitaveis preziſtem à poſteridade Imagens da noſſa veneraçaõ: A v. m. o dedico intereçalo na gloria da ſua Peſſoa, porque amparando-o com o ſeu favor, canonize o Mundo o juſto conceyto, que de v. m. fórma, e reconheça o quanto ſe deſtingue Heroe, vendo que pelos effeytos da generoſidade, a exercicios da

pren-

prenſa, ſó acrecenta a fama do Grande Vieyra, hum taõ grande Mecenas como he v. m.

Mais Papeis deſte eſclarecido Varaõ, vàgaõ manuſcriptos pela maõ de Peſſoas, que avarentas em divulgalos, preſiſtem occultos à luz do Mundo com taõ pertinaz reſguardo, que naõ chega eſte a ter de muitos naõ mais do que a noticia: Por incanſavel deligencia da minha curioſidade, e do meu diſvelo, alguns tenho alcanſado; e animando v. m. eſte com a ſua protecçaõ, proſigo no trabalho de deligenciar outros, para todos debayxo do ſeu auxilio, ler a Eternidade nos Eſcriptos de Vieyra a elevaçaõ da urbana bizarria, e generoſos exceſſos da Peſſoa de v. m., que Deos proſpere feliz por taõ dilatados Seculos, quantos ſaõ os meritos que lhe reconhece, quem ſe confeſſa de v. m.

Muito Veneradòr Creado

A. C. V.

PRO-

PROLOGO

PARECE, que devendo o Mundo, pela continuaçaõ dos annos, e experiencia do tempo, emendar os abſurdos em naõ detrahir, e murmurar, cada dia proſegue mais na malidicencia, augmentando os delictos na lingoa, devendo abraçar os acertos no juizo: Mais do que nunca ſe conhece no preſente ſeculo o fervor deſta deſordem, em que ſe entende que apurado o coraçaõ do homem nos exercicios do mal, tem chegado de todo às portas da Malicia, quando devia unicamente entrar pelas do Templo de Deſemgano, e nelle refugiar-ſe, ou como envergonhado da culpa, ou como arrependido do erro.

Em taõ bella occaſiaõ em que ſe faz preciſa toda a força da Doutrina, chegou às minhas mãos, por effeito da minha deligencia, eſte Papel do noſſo Grande Portuguez o Apoſtolico Padre Antonio Vieyra da Sagrada Companhia de JESUS, que conferido o melhor, que pude pelas pouca s co-

copias que delle vi, o offereço à luz do meſmo mundo, mais que empenhado no augmento da univerſal fama de ſeu Autor, movido do dezejo de que o Mundo aprenda na boa Doutrina delle tudo o que lhe falta para emmendar-ſe; pela razaõ de que, para credito do raro Talento do Padre Antonio Vieyra, ſuperabundando jà os ſeus muitos Eſcriptos que ſe lem impreſſos; para acerto do Mundo, naõ baſta ainda toda a Doutrina, por mais que a Fè a dicte, e o zelo a inſinue.

Queyra Deos que aſſim como o Papel tem meritos para applaudido ſempre, tenha o Mundo ao menos diſcurſo hum dia para abraſar-lhe os dictames, que ſó aſſim me poderey dar por ſatisfeito do trabalho de communicar-lho, e redundando tudo em ſeu proveyto, bem poderà fazer-me éſta paga, pois com a ſua emenda ſatisfaz o meu diſvelo.

VALE.

DIS-

248

DISCURSO CATHOLICO SENTENCIOZO

CONTRA A MURMURAÇAM

TAM igualmente me tóca obedecer, como a v. m. o mandar; e mal ſatisfizera à minha obrigaçaõ ſe a éſta ſe naõ ſegurára o deſempenho. Huma carta de v. m. recebi, a qual logo me pareceo párto do ſeu Entendimento, porque em breves palavras continha copioſas ſentenças: Venero o eſtillo com que ſe eſcreveo, que a naõ ſer aſſim, naõ poderia abalarme a éſta reſpoſta: Rezumida toda ella, contem huma ſó progunta = *Que cauſa haverà para alguns homens murmurarem*

na conversaçaõ donde se acham, de outros a quem deviaõ louvar? E porque he ley politica, que no que se escreve se mostre a prudencia, e no mòdo de escrever se conheça a criaçaõ, por naõ faltar a ésta, e à prudencia, intento responder sem agravar a ésta progunta: Se naõ for breve, tenha paciencia, que por me naõ isentar dos achaques da censura, atè nesta parte a quero ter, sendo que em negocio alheyo bem se pòde ser importuno: Isto supposto. Para naõ temer mal, disse hũ Discreto, fazer bem éra a melhor medicina; e para esperar bem, naõ fazer mal, éra o melhor remedio; mas já hoje nada val o viver bẽ ajustado, para q̃ se naõ deyxe de ter causa de estranhar-se mais de quem se esperara menos; e talvez tirando consequencias do mal, onde tudo saõ primicias do bem.

Os Antigos, segundo affirma Plataõ, na entrada da porta do Templo Delphico de Apòlo, gravàraõ em letras de ouro este letreyro: *Nosce te ipsum*; e foy taõ celebrado por todas as Naçoens do mundo, que se dizia por Adagio *Donde quer que te achares, conhecete a ti mesmo.* E se v.m. o vira em cada Templo, que para bem assim o haviaõ de fazer como diz o Doutor das Gentes - *vos estis Templum Dei vivi*; eu lhe seguro que com o dezengano do conhecimento proprio, naõ haviaõ de tractar na especulaçaõ do alheyo; mas como falta o primeiro, tractaõ de apurar o segundo. Quem quizer mostrar prudencia, avize-se a si proprio primeiro que haja de censurar os outros; que ver faltas alheyas, e talvez naõ conciderar as proprias, àlem de ser falta de juizo,

he

he ſóbra de impiedade ; e o certo he, que ſó tem olhos para murmurar dos outros quem os naõ tem para ſe divizar a ſi.

Fallar verdade, diſſe hum Politico, he nobreza ; calar a ſeu tempo, he cordura ; fallar fóra de tempo, he ignorancia ; falar mal ſempre, he baxeza ; calar quando ſe hade falar, he covardia ; falar bem ſempre, he bondade : Se v. m. bem reparar, o cenſurar faltas alheyas, naõ naſce de outra couſa, ſe naõ de naõ olhar cada hum para as ſuas proprias ; porque naõ ha couſa mais facil que devizar falta em outrem ; e naõ ha couſa mais deficil, que devizalas em ſi qualquer ſogeyto. Diſcretos andàraõ os Antigos quando querendo moſtrar hum Geroglifico deſta verdade, pintàraõ hum homem com huns alforges ao peſcoço, levando de traz as faltas proprias, e diante as alheyas, para moſtrar em como os homens naõ tem olhos para ver os deffeitos proprios, e ſaõ Argos para devizarem os alheyos. Em o mais alto do corpo vivem os olhos ; e com ſerem noſſos companheyros taõ fieis, percebendo qualquer delles muitas faltas dos outros, jà mais as deſcobrem em ſi : Tal he o maldizente, que fazendo natureza da meſma falta, he Lince para enxergar faltas alheyas, ſendo Toupeyra para as proprias. Quem quizer murmurar de outrem, veja primeiro a ſua vida, coſtumes, e acçoens : E daqui naſceo o Adagio que diz : *Cada hum meta a maõ no peyto, que lhe naõ hade faltar que recolha.*

Criminàraõ a certo homem por hum delicto diante de Felipe de Macedonia Pay do gran-

de Alexandre, e vendo o Rey que a murmuraçaõ era todo o motivo de o acuzarem, e lho offereciaõ para censurarem da sua censura; disse, que o que naõ tivesse que condenar em si, lhe referise o crime que aquelle homem tinha commettido; E o que se seguio desta sentença, foy que em menos de hum quarto de hora se retiràraõ todos, ficando sómente o Rey: Grande prudencia! e grande dictame! porque só se hade atrever a censurar a outrem quem naõ receya ter em si ainda o vestigio da menor culpa.

Que haja lingoas taõ infames que censuraõ a innocencia, e por mayor parte as vidas dèstes, que de semilhantes lingoas saõ as mais culpadas? Bem certo he por experiencia, e ainda mal que taõ reduzido anda em praxe, que naõ hà espada que no Mundo mais sangue tire, nem mais gente màte, do que saõ éstas infames lingoas; e a meu ver, por isso a natureza as fez à feiçaõ de lança, mas com ésta differença, que he mais perigoza, e muito mais damnoza que a mesma lança; e a razaõ he, porque a lança fére o corpo, a màlingoa trasspassa a alma, porque destroe a honra: A ferida da lança facilmente se cura; a rotura da fama, tarde ou nunca se solda.

Que imagina qualquer destes sogeytos que murmura à redea solta? Naõ concidera, nem alcansa, que quando falla do proximo, naõ só dezembussa seus pensamentos, mas ainda as suas obras, e talvez as suas envejas? por quanto, ésta lhe a pedra de a fiar com que os maldizentes còr-

taõ

còrtaõ pelas famas alheas, tendo nas ſuas mãos, naõ ſó que cozer, mas ainda que remendar: E he couſa notavel, que em eſtes começſando a cenſurar honras, naõ deſcanſaõ atè que de todo as naõ deſpedaſſem; e aſſim andaõ matando famas vivas, e reſucitando outras mortas. Naõ céſſaõ atè naõ fazerem de todos anatomia, gaſtando a ſua vida em falar nas alheyas; cenſurando com taõ pouco tino, que no que arguem provaõ o lemitado que poſſuem.

Em hum corpo humano, a couſa mais neceſſaria, he o coraçaõ; a mais ſutil he o ſangue; a mais formoſa, ſaõ os olhos; a mais delicada ſaõ os ouvidos; a mais pezada he o corpo; e a mais perigoſa he a lingoa: E a razaõ he, porque o coraçaõ derige os penſamentos; o ſangue anima os olhos; os ouvidos ouvem; o corpo negocea; mas a mà lingoa màta. Naõ he outra couſa a noſſa lingoa, diſſe hum Diſcreto, mais que huma parede branca, aonde o bem intencionado pinta imagens devotas, e o malevolo debuxa deffeitos: E que poderà huma mà lingoa pintar? Que homem houve no mundo por Soberano, ao qual eſte diabolico pinſel naõ deſluſtra-ſe? Delle ſe naõ pòde eſperar jà debuxos em vivas cores, porque a todos retrata em morte cor: O que he valente, pinta-o fraco; O que he diſcreto, pinta-o ignorante; O que he virtuoſo, pinta-o hypocrita; O que he retirado, pinta-o ſátiro; O que tem amigos; pinta-o cõ mà companhia; e o peyor he, que com o titulo de pintar bem, cõmumente a todos pinta mal: He fantaſma,

taſma, e bruto quem naõ iguala a igualdade do ſer ao procedimento da vida. Com hum manto de eſtrellas, còbre o Eſtiliaõ quanta peſonha ſeu peyto enſerra; e com huma capa de vertude, còbre o malicioſo quanto veneno ſeu peytõ occulta.

Aos pès do Oraculo Delphico de Apòllo, eſtava huma Eſtatua de ouro de muy grande pezo, e valia, e como éra oca, e pezava tanto, a abriraõ imaginando que lhe acháriaõ algum ſuperior Theſouro; e o que de dentro ſahio, foy hum taõ nocivo cheyro, que a muitos dos preſentes privou da vida: Naõ faltaõ hoje deſtas Eſtatuas, porque em toda a parte ſe encontraõ; mas ſemilhantes Eſtatuas, pizaõ-ſe com os pès, ou ao menos poem-ſe aos pès como fazia Apòlo, e de nenhum mòdo ſe deve fazer cazo do que dizem, porque ordinariamente o que murmuraõ, he o que devia ſer murmurado; porque murmurar pòde o mais vil, e ſofrer a murmuraçaõ, ſõ pòde hum ánimo generoſo; porque de entendidos he timbre publicar louvores, e occultar faltas; e de neſcios, he eſtillo publicar deffeitos, e ocultar os louvorés.

Da Magdalena comeſſou Judas a murmurar em publico, e em ſegredo o Farizeo; porque em ſegredo, e em publico, nunca falta quem murmura-ſe; Judas a culpou de deſperdiſſada; e o Farizo, que Chriſto Senhor Noſſo a admittiſſe na ſua companhia. Dezia Judas, porque ſe derramava em acabeça de Chriſto tanto unguento, que ſe podia vender por trezentos dinheyros?

ros ? E ſendo acçaõ liberal , e digna de ſe applaudir , foy vituperada , e retrahida : Mas que menos ſe eſperava de huma taõ mà conciencia como a de Judas , que aquillo que éra cauſa para o louvor , o naõ trocàſſe em motivo para a murmuraçaõ ? E ſe naõ veja-ſe a loucura deſte perverſo , que avaliando hum pouco de ungoento em trezentos dinheyros , foy vender a ſeu Meſtre ſó por trinta dinheyros : Mas aſſim havia de ſer , porque em ſemilhantes abſurdos coſtuma cahir quem aſſim murmura. E ſendo taõ abominada a murmuraçaõ , ainda tem outra circunſtancia de que depende , e he neceſſitar de gente vil para o ſeu augmento ; e com ſer cèrta éſta propoſiçaõ , ſempre ſe conſerva , por que éſta caſta de gente nunca falta ; e ſe hà hum homem que lhe pareça mal , talvez ſe naõ quer ſingularizar , por naõ deſcontentar a tantos ; que taõ grande virtude como riſco , he ſer bom entre os màos ; pois o mayor mérito com os màos , he ſer entre elles o peyor ; porque em companhia de muitos bons , tem vergonha o mào de ſer mào ; e em companhia de muitos màos , peja-ſe o bom de parecer bom. O interior de Judas , ainda que éra mào , ſempre monſtrava bom exterior , porque como andava em companhia de tantos bons , tinha pejo de ſer mào. O interior de Saõ Pedro ſempre foy bom , e huma vez que ſe achou auſente de Chriſto , e dos Apoſtolos , logo negou a ſeu Meſtre ; porque como ſe achou entre tantos màos , parece que teve pejo de ſer bom.

Quem mais illuſtre , e benigno que o Sol ?

Com

com a amizade de seus beneficios resplendores enriquece o Mundo todo: com a mesma pontualidade com que encaminha suas luzes ao mais altivo Palacio, com a propria alumia a mais humilde Cabana; Tanto se apura na produçaõ da Ortiga, como na criaçaõ da Roza: Elle he o Capitaõ dos Astros, Mestre de Campos das luzes, e Princepe dos resplendores; mas como hade obrar ajustado, se de hum Escorpiaõ se acha assistido? e como naõ hade faltar aos primores de sua natureza, se tem por companhia a inclemencia? E se naõ veja-se quando suas luzes padecem estragos, se he se naõ por atrahir a si os bayxos, e humildes vapores da terra, que vendo-se em tal altura, se convertem em nuvem, e de tal sórte enlutaõ o àr, que lhe abatem e deslustraõ os resplendores, arruinando-lhe a prezidencia. Mas nunca òbra taõ mal o Sol.

Mas jà me naõ admiro que hum coraçaõ danado a todos julgue conformes ao seu danado coraçaõ, pois dizem que conforme a intençaõ com que se olha para as cousas, taes affectos produzem; Mas só o que me suspende, he que tenha lingoa de Inferno quem traz as chaves do Ceo. Do Bazelisco a firma Plinio, que séca as Arvores, naõ só com o tocalas, mas ainda com o menòr bafo lhe queyma os troncos, murcha os ramos, e lhe arruina as flores; e finalmente, quando às pedras naõ perdoa, que farà às plantas, e aos viventes? e he de tal qualidade sua peçonha, que por particular, lhe chamou hum grave Douto. *Mal que entre todos hé singular.* Naõ fal-

252

faltaõ hoje, Senhor, deſtes Bazeliſcos; porèm do effeito do ſeu veneno, ainda mal que em ſi meſmos vivem executados.

Os dias a traz me proguntàraõ, qual ſeria a razaõ porque eraõ os bons murmurados dos màos? E eu reſpondi, que a meſma bondade era a razaõ, e cauſa de ſer murmurada; e ſe naõ diſcorra v. m., pòſtas todas éſtas ſentenças nas Devinas letras, e acharà todas retractadas neſtas. Porque matou Cahim a Abel? Porque naõ era outro como elle: Porque eſteve Suzana em riſco de a apedrejarem? Porque ſe naõ ſubjeitou à laſcivia dos Suzanos: Porque foraõ aquelles tres mininos lanſados na fornalha de Babilonia? Porque naõ quizeraõ adorar a Eſtàtua de Nabuco. Porque foy prezo, e degolado o Baptiſta? Porque lhe naõ pareceo bem a ſenſualidade de Herodes. Amigo, e ſenhor meu, o certo he que naõ vive a Ignocencia ſegura em quanto vive hum Cahim dezalmamado; nenhuma Suzana càſta, em quanto houver Suzanarios laſcivos. Dizer mal de mim quem diz mal de todos, naõ importa nada; dizer mal de mim quem dos mais diz bem, iſto ſó importa muito.

A Cleopatra levàraõ hum ſoldado para que o ſentencia-ſe, imputandolhe por culpa, que ſempre da Sua Real Peſſoa dezia mal; e proguntando a Rainha ſe de alguma Peſſoa aquelle ſoldado dizia bem, reſponderaõ-lhe, que de todos falava mal: mandou Cleopatra que o ſoltaſſem, e lhe diſſeſſem que no inſtante em que ella ſoubeſſe que elle tinha dito bem della, o havia de man-

dar logo enforcar; porque lhe naõ convinha ao seu credito, que hum homem disseſſe della bem, dizendo de todos mal. Como queria v. m. foſſe credito meu que falaſſe de mim bem, quem coſtuma dizer de todos mal? Se naõ perdoa ao Sagrado, como perdoará ao profano? Se o Eccleſiaſtico murmura, como hade tomar bom exemplo o Secular? Mas bem poderaõ lembrar-ſe eſtes murmuradores, que talvez elles ſejaõ os que devem ſer murmurados, e cenſurados. Emfim ſaõ taes eſtes ſogeytos, que atè a meſma pena por inſenſivel ſe envergonha de os eſcreyer; e em ſumma lhe dey a v. m. huma breve noticia, pois ſaõ taõ dezalmados, que pelo que uſaõ de ſuas Peſſoas, julgaõ o meſmo das outras: Iſto he taõ antigo, como Cahim quando matou Abel dizem que dizia, que todos que o chaſſem, lhe haviaõ tirar a vida; e ſe no Mundo naõ havia mais que Adam e Eva ſeus Pays, como dizia eſte miſeravel filho Cahim, que qualquer que o achaſſe lhe havia de tirar a vida? Por ventura Adam, ou Eva haviaõ de ſer homicidas de ſeu filho? Sim; que era taõ malvado Cahim, que como tinha ſido homicida de ſeu Irmaõ, julgava que tambem atè ſeus Pays haviaõ de ſer homicidas de ſua propria vida. Pelo que uſaõ das ſuas proprias Peſſoas, aſſim julgaõ atè nos meſmos Pays, e nos mais juſtificados.

Meu amigo, tenho ſatisfeyto, e completamente reſpondido à pregunta q̃ eſtatuey no principio deſta, naõ como dezejo, mas como pude; e ainda que eu quizeſſe levantar meu bayxo eſtilo

lo, nunca podia chegar a pòr ſeus louvores na ſoltura de ſeus merecimentos, e fora querer eſtender a pena àlem das demarcaçoens do meu propoſito. O primeiro Borraõ he mais extenço; neſte papel o abreviey quanto pude, e notavelmente fólgo, porque ſe hà ignorantes em falar mal, quero ao menos dar moſtras de entendido em ſofrer bem; ſendo que nem bem, nem mal quero com ſemilhantes idiotas. V. m. o diſcurſe como ſabe, pois muito bem ſabe o que diſcurſa. Bem me tenho explicado, e v. m. bem entendido, poſto que para quem he taõ entendido naõ èra neceſſario terme tanto explicado. E ſe por éſta alguem quizer tomar a demanda, he final que o meſmo officio executa: Se moſtrar a moleſtia de ſua pena em publico, deſde logo o ſentenceyo, que tem delinquido em ſegredo; porque aquelle que ſe aſegura na trincheyra de huma conciencia, naõ tème o bramido do touro no campo; quero dizer, que huma vida bem ajuſtada, naõ receya qualquer ſogeyto de màlingoa: E ſe alguns delles me avaliarem por Satirico, eu naõ farey mais que cenſuralos de ignorantes, e ficaremos pagos; elles em me dàrem o que imaginaõ, e eu em lhes conceder o que merecem, pois he crime contra a juſtiça negar a cada qual a que lhe he merecido. E aſſim acabo éſta com o que diſſe o Eſpirito Santo = *ſtultorum infinitus eſt numerus. &c*

F I M.

CA747
V658d
72-71
N. Rosenthal
30 Sept. 71